



## PLANEJAMENTO, EFI, 1º CICLO: DESCRIÇÃO DAS PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES DE UMA ETNOGRAFIA

Luciana de Oliveira Nunes; Jacqueline Zilberstein; Márcio Cardoso Coelho

### RESUMO

*O presente estudo, uma etnografia em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, apresenta as primeiras observações em busca da compreensão dos elementos que configuram o planejamento de ensino em Educação Física no I Ciclo destas escolas. As decisões teórico-metodológicas estão construídas a partir da etnografia em Geertz (2008) e, com base num movimento de progressivo reconhecimento do marco físico e social das escolas, descrevo o que tenho observado tecendo algumas considerações. A partir das observações, diálogos e registros em diário de campo feitos até o momento, identifico, ainda que de forma preliminar, algumas pistas que podem subsidiar a interpretação dos significados atribuídos ao objeto: a organização das aulas de Educação Física revela um planejamento ou, ao menos uma intencionalidade nas atividades propostas; o brincar parece nortear e caracterizar a Educação Física no I Ciclo; a organização da escola, com seus tempos, rotinas e atividades parecem também orientar o trabalho dos professores de Educação Física.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Planejamento de Ensino; Educação Física Escolar; I Ciclo.

### ABSTRACT

*The present study is an ethnography of two schools that pertain to the Municipal School District of Porto Alegre. It presents the first observations in the effort to understand the elements that constitute the education planning for Physical Education in the first cycles of said schools. The theoretical and methodological decisions are based on the concept of ethnography in Geertz (2008); and with a progressive movement that recognizes the material and social standpoints of these schools, the researcher presents her observations with a few statements. Based on the observations, dialogues and facts registered in her*



*journal, the researcher identifies that - even though in a preliminary stage, there are some clues that might be able to help understand the meaning of the object of study: the way PE classes are organized reveals a planning process or, at least an intention behind the proposed activities; the act of playing seems to guide and define the PE classes in the first cycle; the way the school is organized: with its timings, routines and activities also seem to dictate the working structure of P.E teachers.*

**KEYWORDS:** *Educational Planning; Physical Education; First Cycle.*

## RESUMEN

*El presente estudio, una etnografía en dos escuelas de la red municipal de enseñanza de Porto Alegre, presenta las primeras observaciones en búsqueda de la comprensión de los elementos que conforman el planeamiento de la enseñanza en Educación Física en su primer ciclo en estas escuelas. Las decisiones teórico-metodológicas están formadas a partir de la etnografía de Geertz (2008) y, en base a un movimiento de progresivo reconocimiento del marco físico y social de las escuelas, describo lo que tengo observado a diario, haciendo comentarios y algunas consideraciones. A partir de ellas, diálogos y registros en folletos de campo hechos hasta el momento, identifiqué, aunque de manera preliminar, algunas rutas que pueden subsidiar la interpretación de los significados atribuidos al objeto: la organización de las clases de Educación Física muestra un plan o al menos una intencionalidad en sus actividades propuestas: el jugar parece dirigir y caracterizar la Educación Física en su primer ciclo; la organización de la escuela, con sus tiempos, rutinas y actividades también orienta el trabajo de los maestros de Educación Física.*

**PALABRAS CLAVES:** *Planeamiento de la enseñanza; Educación Física; Primer Ciclo.*

## SOBRE O PLANEJAMENTO DE ENSINO

Segundo Vasconcellos (2008, p.79), planejar significa “[...] antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto”. É uma ação com caráter de



transformação (idem). Para Padilha (2001), planejar é sempre processo de reflexão, tomada de decisão sobre a ação.

É um processo que visa a dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro, mas sem desconsiderar as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e com quem se planeja (PADILHA, 2001, p.63).

No âmbito educacional corresponde, de acordo com Gandin (1999), a um processo de previsão das ações docentes, articulando as tarefas da escola às exigências do contexto social. No entanto, embora sirva como elemento norteador da ação pedagógica, na prática o distanciamento entre as intenções e as ações coloca o planejamento num território de incertezas e controvérsias. Vasconcellos (2008) identifica uma ambiguidade por parte dos professores quanto ao sentido de planejar, fruto da experiência da elaboração de planos burocráticos, formais e controladores. O fato é que, ao mesmo tempo em que aceitam a importância do planejamento no processo de ensino-aprendizagem, os professores nutrem sérias desconfianças, seguidas de descrença e rejeição ao planejamento de ensino.

Fonseca (2015) e Vasconcellos (2008) concordam que o grande desafio seja redimensionar a abrangência do planejamento de ensino como elemento importante no processo educativo, ou seja, resgatar sua necessidade e possibilidade.

Na Educação Física brasileira, Bossle (2002) já identificava semelhante situação de ambiguidade por parte dos professores e pesquisadores, visto que a temática era pouco abordada no interior da academia se comparada a outros estudos desta Área de pesquisa. Numa revisão de literatura em periódicos nacionais de qualis (CAPES) de estrato A1 a B2 para a “Área de Avaliação Educação Física”, feita de 2002 a 2014, foi possível evidenciar algum avanço no que tange ao número de produções científicas da Área. Foram encontrados 16 artigos que abordavam a temática sob o viés de sua importância, de sua relação com o Projeto Político-Pedagógico e da possibilidade do planejamento coletivo.

Partindo desta revisão de literatura e considerando as transformações do contexto sociocultural, as novas demandas e configurações do ensino e tantas outras variáveis que redimensionam o sistema de ensino atual, me senti instigada a pesquisar o planejamento de



ensino em Educação Física na rede pública municipal de Porto Alegre. Para tanto, construí o estudo buscando responder ao seguinte problema de pesquisa:

- Como está configurado o planejamento de ensino da Educação Física no I Ciclo de duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre?

Desta forma, apresento a seguir a construção teórico-metodológica que tem me orientado no sentido de compreender os significados que são atribuídos ao objeto de estudo apresentado.

## DECISÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Compreender comportamentos específicos do âmbito educacional, interpretar os significados – entendendo que estes significados estão nas manifestações do cotidiano e circunscritos a uma determinada cultura, são objetivos deste estudo e que me levam a sustentar minhas decisões teórico-metodológicas sob a perspectiva etnográfica em Geertz (2008).

Segundo Magnani (2009) a etnografia possibilita que o pesquisador entre em contato com o universo dos pesquisados e compartilhe seus horizontes, numa relação de troca, comparando suas teorias com as deles e assim experimente possibilidades de um novo entendimento, ou ao menos, pistas de uma compreensão não prevista anteriormente, de significados até mesmo inesperados. A esta relação de troca, de captar vivências e experiências particulares, Velho (1978) e Magnani (2009) concordam ser necessário uma presença continuada em campo com a atenção viva, um mergulho em profundidade na tentativa de pôr-se no lugar do outro.

Compreender em profundidade a cultura nos remete a chamada descrição densa (GEERTZ, 2008), na qual se faz necessário transformar “o exótico em familiar e o familiar em exótico”, ou seja, adotar atitude de estranhamento e/ou exterioridade por parte do pesquisador em relação ao objeto (MAGNANI, 2009). Stake (2011) considera “descrição densa” ir além de uma descrição detalhada, exigindo ênfase na interpretação, exigindo que pensemos na teoria. Mais do que descrever as situações em detalhes, o pesquisador deve



ter compreensão empática e comparar as interpretações atuais com as interpretações construídas no referencial teórico da pesquisa (STAKE, 2011).

A investigação sobre as culturas pressupõe um amplo tempo de contato com o cotidiano das pessoas e, também, dos grupos que compartilham práticas sociais diversas, como as crenças, a religiosidade, os preconceitos e etc. Cruz Neto (1994), considera o campo como lugar primordial onde pessoas e grupos convivem numa dinâmica de interação social e, ao cotejar a fundamentação teórica do objeto a ser estudado com uma realidade empírica a ser explorada, torna-se “palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos pesquisados, propiciando a criação de novos conhecimentos” (CRUZ NETO, 1994, p.54).

Diante disso, escolhi como cenário deste estudo duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Isto por entender que duas escolas dão uma visão melhor sobre o fenômeno estudado na medida em que contextos diferentes podem revelar diferentes significados atribuídos ao objeto. Os critérios de seleção das escolas foram construídos durante os primeiros contatos de negociação de acesso. Tal negociação iniciou-se no diálogo com a assessoria pedagógica desta rede de ensino buscando refletir, a partir do referencial teórico e do conhecimento prévio da estrutura das escolas da RMEPOA<sup>1</sup>, sob quais argumentos repousaria minha opção de escolha.

A escolha deu-se a partir de alguns critérios que tornassem a pesquisa exequível, tais como: facilidade de acesso (Zona Norte de Porto Alegre), escolas de grande porte (mais de 1200 alunos), oferta elevada de turmas de I Ciclo<sup>2</sup>, bem como um número significativo de professores de Educação Física. Desta forma foram selecionadas duas escolas de grande porte localizadas entre a Zona Norte de Porto Alegre e o chamado Eixo Baltazar. As duas escolas oferecem turmas de I Ciclo nos dois turnos e apresentam um espaço físico favorecido para a Educação Física, a saber: quadras poliesportivas, ginásio, mini pista de atletismo, espaços ao ar livre e áreas cobertas. Uma curiosidade, que não se

<sup>1</sup> Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre

<sup>2</sup> Considerando que a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre é organizada por ciclos de formação, o I Ciclo corresponde às crianças entre 6 anos e 8 anos e 11 meses.



configurou como um pré-requisito, mas tornou-se característica significativa do campo de pesquisa é o fato de as duas escolas contarem com professores de Educação Física como diretores.

O trabalho de campo vem sendo realizado ao longo do ano letivo de 2016 e conta com três professores de Educação Física do I Ciclo como participantes. Além destes, conto também com alguns participantes privilegiados: as supervisoras, professoras referência<sup>3</sup> e demais professores deste coletivo docente. As turmas acompanhadas são cinco turmas de 1º Ciclo (A10, A20 e A30).

Os momentos de observação buscam, de forma geral, dar conta da rotina da escola. Tais situações compreendem as aulas de Educação Física, as reuniões pedagógicas, a sala dos professores, o recreio, as chamadas janelas<sup>4</sup> tanto no pátio quanto na sala dos professores, a entrada e saída da escola, as trocas de períodos, além das aulas das professoras referência e eventos em geral.

A combinação de vários instrumentos de coleta de informações caracteriza o papel significativo da etnografia em desvelar as relações do campo e subsidiar a interpretação dos significados. Tenho recorrido mais detidamente, neste momento da pesquisa, à observação participante, ao diário de campo, à análise de documentos e aos diálogos informais.

## SEGUINDO AS PISTAS

A partir das informações coletadas até o momento, tenho percebido algumas situações e comportamentos que talvez apontem para pistas que subsidiem as interpretações de significados atribuídos ao objeto de estudo nesta cultura particular. Meus esforços têm sido no sentido de tentar enxergar a rotina da escola como um todo, e no que

<sup>3</sup> Professoras regentes das turmas.

<sup>4</sup> Esta expressão é comumente usada nas escolas em referência aos momentos em que os professores não estão atendendo a nenhuma turma e ficam livres para fazer seu planejamento ou outras atividades que julgarem necessárias.



tange às aulas de Educação Física, tentar observar o que o professor faz, para além de um planejamento enquanto único foco.

Assim, descrevo a seguir algumas situações que dão forma ao que tenho observado no cotidiano destas duas escolas tecendo, a partir destes elementos, algumas considerações. Percebi que as aulas de Educação Física aparentemente seguem uma rotina quanto aos seus momentos e sua organização. Os horários de lanche, do tempo do período, horário de saída, a quantidade de alunos parecem determinar a organização das atividades propostas. Vários dos registros no diário de campo repetem a descrição “o PEFI<sup>5</sup> propôs, o PEFI organizou, o PEFI explicou”, o que me levam a sugerir que há uma proposta de aula, há objetivos, quais sejam, que pautam estas propostas. Nem sempre o professor se detém em explicações detalhadas sobre a atividade proposta, e algumas vezes foi possível constatar que as atividades se repetem de tempos em tempos nas aulas. Circuitos, corridas, pega-pega são atividades frequentes nas aulas de Educação Física, e o brincar, de forma dirigida ou livre, parece ser o componente norteador do que acontece nas aulas.

A ausência do PEFI na escola, seja lá por qual motivo for, inviabiliza que os alunos tenham a aula de Educação Física, e normalmente os alunos ficam em sala de aula com a professora referência ou com uma professora substituta.

A organização da categoria dos municipais no período de dissídio, caracterizada por assembleias e paralisações, altera de alguma forma a organização da escola como um todo e conseqüentemente das aulas de Educação Física. Isto porque em várias ocasiões foi necessário que a escola se organizasse em turno único com períodos reduzidos.

Quanto ao planejamento enquanto documento, até este momento, o mesmo não parece determinar o que o PEFI faz nas suas aulas, tampouco faz relação com o Projeto Político-Pedagógico, isto considerando que os PEFIS relatam que nunca leram o Projeto Político-Pedagógico da escola e, em uma das escolas, até pouco tempo atrás não era necessário sequer entregar um planejamento para a supervisão.

As reuniões pedagógicas parecem ter caráter muito mais burocrático e administrativo do que de planejamento, seja individual ou coletivo.

---

<sup>5</sup> Professor de Educação Física



Assim sendo, a partir deste breve recorte das informações obtidas até o momento, percebo que há uma organização das aulas por parte do professor, há uma intencionalidade no que está sendo proposto, há um planejamento. Cada PEFI participante da pesquisa imprime características e escolhas pessoais às suas aulas, no entanto, o brincar parece não só nortear como também caracterizar a Educação Física no I Ciclo destas escolas. Todavia, os tempos da escola, suas rotinas, sua organização parecem também orientar sobremaneira o trabalho dos PEFIS. Os momentos de lanche, de almoço, de café da manhã, parecem determinar o que o PEFI faz, quando faz, quando começa e quando termina. Tempo e planejamento parecem estar imbricados sob vários aspectos. No entanto, considerando o pouco tempo de imersão no campo, entendo que tais questões, ainda que sinalizem caminhos, necessitam de um ajuste no foco das observações conferindo relevância ao exercício da chamada descrição densa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSLE, F. Planejamento de Ensino na Educação Física: uma contribuição ao coletivo docente. *Movimento*. Porto Alegre: v.8, n.1, p. 31-39, janeiro/abril, 2002.

\_\_\_\_\_. *Planejamento de ensino dos professores de Educação Física do 2º e 3º ciclos da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: um estudo do tipo etnográfico em quatro escolas desta rede de ensino*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, UFRGS, 2003.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

FONSECA, D. G. Planejamento. In: FONSECA, D. G.; MACHADO, Roseli Belmonte. (orgs). *Educação Física: (re)visitando a didática*. Porto Alegre: Sulina, p. 49-92, 2015.

GANDIN, D. *Planejamento como Prática Educativa*. 10ª Edição. São Paulo: Loyola, 1999.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: ano 15, n.32, p.129-156, julho/dezembro, 2009.



PADILHA, P. R. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

STAKE, R. E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso, 2011.

VASCONCELLOS, C. S. *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico*. 18ª Edição. São Paulo: Libertad, 2008.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: NUNES, E. O. (org.) *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. P. 36-46.

